

Nova metodologia permite selecionar pontos adequados para a prática sustentável da atividade

As melhores áreas para o agroturismo

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Conceitualmente, o agroturismo envolve atividades turísticas e recreativas praticadas no interior de propriedades rurais, sem interferência nas atividades produtivas (agrosilvopastoris), que permanecem como as principais, e sob a premissa da conservação ambiental. Mantêm-se, portanto, a ambientação rústica e natural, a infraestrutura simples, os espaços abertos e, quando oferecida, uma hospedagem informal. Geralmente são iniciativas dos proprietários em busca de um ganho extra, mas que em tese deveriam contribuir para fortalecer a economia local. Os passeios estão mais para o lúdico, diferentemente do ecoturismo, praticado por afeitos ao radicalismo da canoagem em corredeiras (rafting), descidas de cachoeiras (rapel), escaladas e caminhadas

Negócio pede ações integradas de proprietários e prefeituras

por trilhas virgens. O agroturismo surgiu no Brasil há apenas dez anos. Por isso, Bernadete Pedreira também passou por um aprendizado durante a pesquisa de doutorado visando criar uma metodologia para delimitar os espaços rurais com maior potencial agroturístico em municípios. Agrônoma da Embrapa Solos, no Rio de Janeiro, Bernadete conhecia somente de passagem a região pesquisada, que envolveu inicialmente nove cidades da bacia do rio Mogi-Guaçu, no chamado Circuito das Águas. A tese, que oferece boa ferramenta para o planejamento deste setor ainda incipiente, foi apresentada na Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri) da Unicamp, com orientação da professora Rozely Ferreira dos Santos (FEC).

“O agroturismo ainda é uma iniciativa isolada, não havendo integração entre os proprietários rurais e com o poder público municipal.



Foto: Antonio Scarpinelli

A engenheira agrônoma Bernadete Pedreira: “Chegamos a uma ferramenta para planejar um setor ainda incipiente”

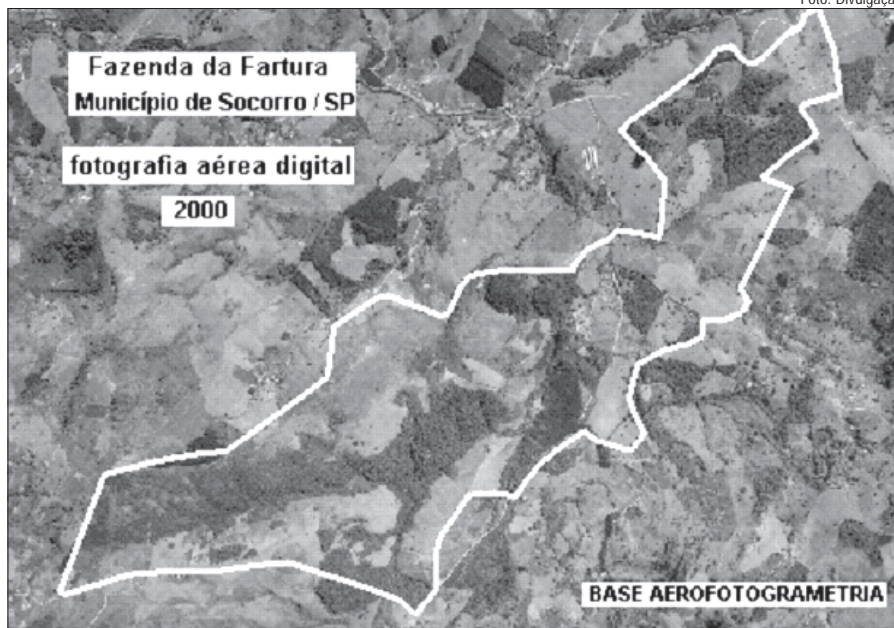


Foto: Divulgação

Interessados em aumentar a renda, os proprietários procuram informações com vizinhos e amigos, sem preocupação com o planejamento e com o impacto que a atividade possa causar ao meio ambiente. Isto leva a uma somatória de erros e problemas. Esta pesquisa traz indicadores importantes que podem contribuir para esse planejamento e para a própria educação ambiental, que ainda é pequena entre os produtores”, afirma Bernadete.

Entre os principais indicadores para definir as melhores áreas para agroturismo estão os ambientais, como clima, relevo, recursos hídricos, vegetação natural, tipo e uso do solo, declividade; indicadores turísticos, como infraestrutura de hospedagem, malha viária, atrativos turísticos; os relativos à pecuária e agricultura, como adequação de uso agrícola, tipos de cultura e de criação; e dados socioeconômicos. “Todos os indicadores foram espacializados, cruzados e integrados entre si sob a forma de mapas. Também foram mapeadas as áreas de restri-

ção ambiental e/ou legal à atividade. A interseção das áreas propícias e a exclusão das áreas de restrição gerou um mapa das áreas de maior potencialidade ao agroturismo”, ressalta a pesquisadora.

Espaço ideal – Desta forma, das nove cidades iniciais, Socorro foi a selecionada pelo seu alto potencial à atividade. Os outros municípios avaliados foram Águas de Lindóia, Águas da Prata, Espírito Santo do Pinhal, Itapira, Lindóia, Santo Antônio do Jardim, São João da Boa Vista e Serra Negra. “E, a cada vez que aplicávamos o zoom na escala espacial, sobre a região e sobre os 448 quilômetros quadrados de Socorro, o detalhamento dos indicadores aumentava, até chegarmos à área ótima para o agroturismo. E, dentro dessa área, foi selecionada a Fazenda da Fartura”, acrescenta.

Na fazenda, a engenheira agrônoma encontrou uma série de atrativos para o turista: edificações tradicionais, equipamentos para beneficiamento de café e fubá, mata original,

uma fauna diversificada, córrego, queda d’água e intervenções paisagísticas. Ao mesmo tempo, os cultivos de milho, feijão, café, abacate, cana e eucalipto; criações de bovinos, carneiros e apiário, além dos pastos, trilhas e boas vias de acesso e circulação interna. “O agroturismo envolve diretamente a produção agropecuária. O turista não precisa necessariamente ordenhar a vaca, mas vai conhecer o processo produtivo da propriedade, vendo como se planta e colhe café e morango, ou como se lida com gado e peixes”, exemplifica.

Bernadete Pedreira realizou um trabalho de campo intenso, munida do GPS, equipamento que permite indicar a localização dos pontos que interessavam ao estudo: corpos d’água, vegetação, áreas de erosão, edificações, etc. “A metodologia utilizada na pesquisa contribui, através da geração de mapas e gráficos, não apenas uma avaliação das potencialidades do agroturismo, mas também de seus impactos nos níveis regional e municipal, até chegar à proprieda-

de. É possível, assim, promover ações integradas entre produtores, prefeitura e municípios vizinhos visando a conservação ambiental e o planejamento adequado da atividade”, explica a pesquisadora.

Consciência – Bernadete reitera a importância da conscientização dos proprietários rurais, que em boa parte ignoram os impactos ambientais tanto das atividades do dia-a-dia como de agroturismo. “Há produtores que cultivam batata em área de declive, usando agrotóxicos que se deslocam para os rios; outros adotam espécies inadequadas na piscicultura. Eles também precisam estar cientes da importância de preservar (e repor) a vegetação, principalmente ao longo dos cursos d’água. Mesmo o pisoteio do gado e o vaivém de turistas pelas trilhas causam impactos. O enfoque do agroturismo não deve ser somente econômico, mas de sustentabilidade ambiental, a fim de que o agronegócio se mantenha produtivo e rentável por muitas gerações”.

Grupo faz propostas contra influenza aviária

Em busca do apoio da sociedade e do governo para seu projeto, pesquisadores da Unicamp, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e da Embrapa Meio Ambiente divulgaram documento extraído do fórum “Monitoramento da Rota Sul: apoio técnico e científico na prevenção e no combate à influenza aviária”, listando as principais ações que seriam colocadas em prática a partir do aval das autoridades. O fórum realizado em 16 de outubro na Unicamp ganhou ampla repercussão na mídia e contou com a participação de técnicos e especialistas do Ministério do Meio Ambiente, de Centros Nacionais da Embrapa (de Suínos e Aves e de Informática e Agropecuária), da Coordenadoria de Defesa Agropecuária de São Paulo, do Centro de Vigilância Epidemiológica, do Instituto Biológico, do Instituto Zoológico, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, do Hospital das Clínicas da Unicamp, da Associação Paulista de Avicultores, do Conselho Regional de Medicina Veterinária e do Programa Antártico Brasileiro da Marinha do Brasil.

Fórum na Unicamp atrai técnicos e repercute na mídia

Segundo o documento assinado pelo Grupo de Influenza Aviária, as instituições envolvidas no projeto estão disponibilizando seus conhecimentos técnicos e a experiência científica para inserir o Brasil na luta mundial contra os avanços geográficos da doença. Os pesquisadores ressaltam que o país é o maior exportador mundial de frango e que um



Foto: Antoninho Perri

Embargo comercial por causa da doença traria consequências graves para a economia e a sociedade, visto que essa indústria responde por 1,5% do PIB e por aproximadamente 800 mil empregos diretos.

“Após um período em que a influenza aviária esteve fora dos noticiários, espera-se um recrudescimento dos surtos com a chegada de baixas temperaturas no Hemisfério Norte e o início da temporada de migração de aves. O surgimento de novos surtos na China e a confirmação de mais quatro

personas (Indonésia e Egito) contaminadas pelo vírus apontam nessa direção”, adverte o documento.

Os técnicos explicam que há duas rotas principais de chegada de aves migratórias ao Brasil: a do norte e outra do sul. A primeira, cujo ponto de entrada no continente americano é o Alasca, vem sendo cuidadosamente monitorada pelos Estados Unidos, Canadá e países da América Central, o que significa que os brasileiros receberão aviso prévio da presença do vírus H5N1 no conti-

nente, permitindo ações de preparação e implementação de programas de contingenciamento.

No entanto, diz o documento, cerca de 40% das aves migratórias vêm ao Brasil pela rota sul, onde praticamente não há monitoramento. Se o vírus chegar através de aves migratórias do sul, saberíamos de sua chegada apenas após encontrá-lo em território nacional, o que acarretaria sanções imediatas e pesados prejuízos para o país. No quadro, as ações principais propostas no documento.

AS CINCO AÇÕES

1. Coleta de material em aves migratórias em ilhas sub-antárticas antes da chegada dessas aves ao Brasil. O material coletado passará por um processo de inativação, evitando assim qualquer risco de contaminação;
2. Diagnóstico molecular rápido do material e sequenciamento genético viral. Este é o método mais rápido e moderno aceito pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). O laboratório de referência nacional e único autorizado a emitir diagnóstico definitivo para influenza aviária no país é a rede Lanagro;
3. Identificação de comportamento, ecologia, caracterização de rotas e descrição de calendário das espécies migratórias para que, uma vez identificado o vírus em alguma espécie, estejam disponíveis informações acerca dos locais e épocas em que essas espécies chegam ao país. Dessa forma será possível determinar zonas e períodos de maior risco de chegada do vírus, otimizando o trabalho das autoridades competentes na prevenção e combate ao vírus.
4. Desenvolvimento de um modelo matemático que simule cenários de alastramento da doença para subsidiar a escolha de estratégias e a adoção de políticas e medidas adequadas, auxiliando os processos de tomada de decisão;
5. O desenvolvimento de um banco de dados – destinado a autoridades federais e estaduais com responsabilidade na área – compreendendo não apenas as características das aves migratórias (ecologia, comportamento, locais e datas de migração), mas também informações de diagnóstico e das características virais úteis à prevenção e combate à doença. Esse banco de dados poderá, ainda, ser integrado ao banco de dados que vem sendo desenvolvido pela Embrapa Informática e Agropecuária, permitindo unir informações de aves migratórias às de localização de granjas.